

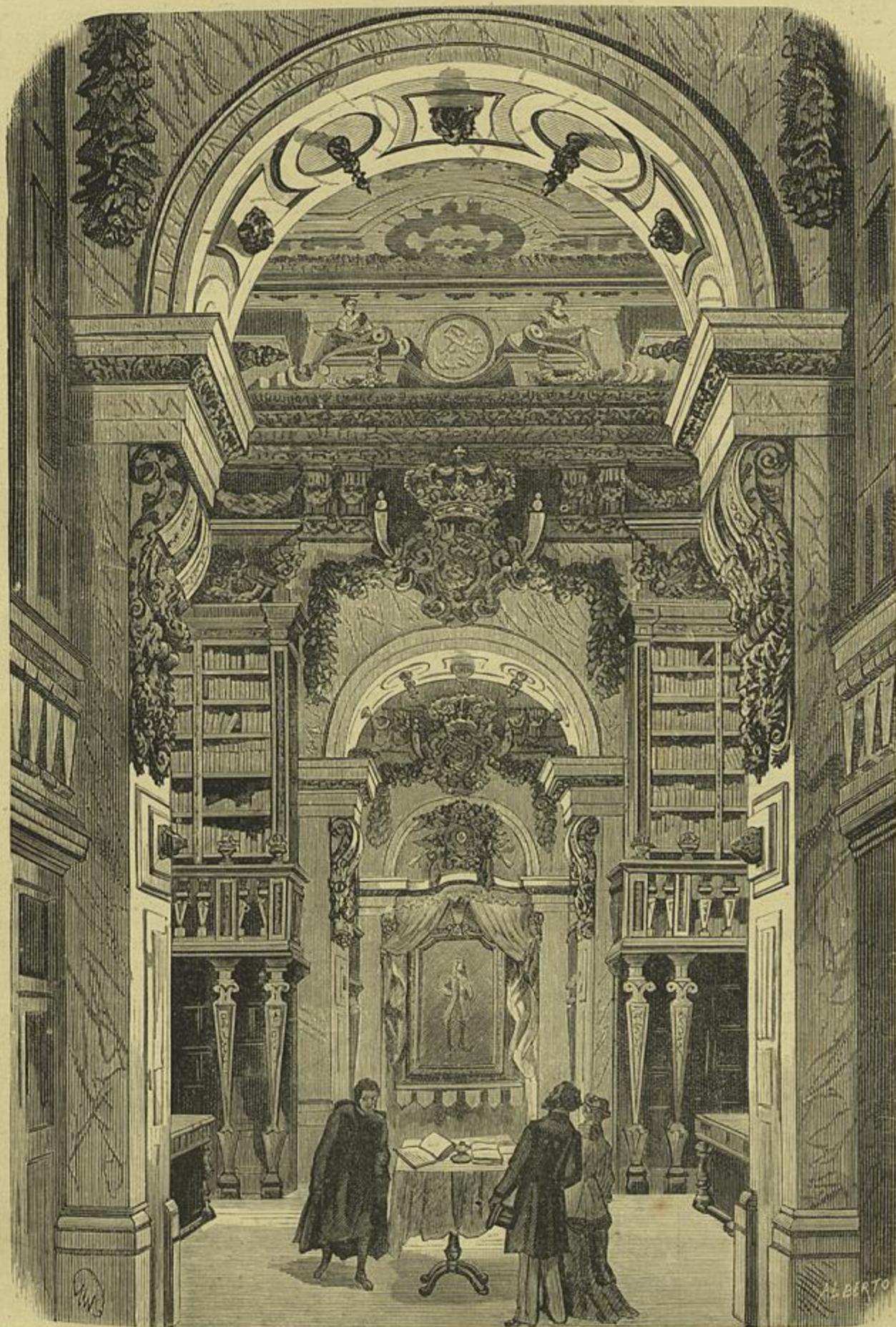
OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUÇAL E DO
ESTRANCEIRO

3.º ANNO

1 DE JANEIRO DE 1880

VOLUME III — N.º 49



ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL. — SALA DA BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
(Segun do uma photographia)

SUMMARIO

TEXTOS. — Chronica occidental, GUILHERME D'AZEVEDO — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra, A. FILIPPE SIMÕES — Antonio Gil, PAULO MIDOST — Dr. Antonino Vidal, A. FILIPPE SIMÕES — As nossas gravuras — Concurso Hippico da Gollegã, SILVESTRE BERNARDO LIMA — Os generaes e o campones — Bibliographia.

GRAVURAS. — Estabelecimentos Scientificos de Portugal, Sala da Bibliotheca da Universidade de Coimbra — Bussaco, Monumento da Batalha do Bussaco, Nos Carvalhaes da Porta de Coimbra, Capella de S. Pedro, Hotel Serra, no Luso. No interior da matta — Dr. Antonio Gil — Dr. Antonino José Rodrigues Vidal — D. Joaquim Gonçalves d'Azevedo, Arcebispo da Bahia — Concurso Hippico da Gollegã, Chasseur d'Afrique, Vencedor, Little Boy — Enigma.

CHRONICA OCCIDENTAL

Devia começar por saudar o anno de 1880, mas não me acho disposto a isso, para no fim de dezembro não cair na contradicção de o descompôr. Provavelmente vem, como todos os seus antecessores, dotado das melhores intenções. Estou a adivinhar-lhe um programma completamente côr de rosa, escripto em magnifico papel velino, tendo em cima, á margem, uma pomba, com um ramo de oliveira no bico. Perfeitamente uma pagina de amor.

Promette naturalmente acabar com o deficit, manter as boas relações internacionaes, prégar com denodo o evangelho do A. B. C., fazer do commercio uma epopêa, da industria um epithalamio e da agricultura um idyllo.

São sempre assim os annos novos, os maganões, sobretudo pelo que nos diz respeito. Com relação aos outros povos não costumam prometter tanto, mas de ordinario fazem mais, se bem que ás vezes nem tudo o que pratiquem seja em beneficio da humanidade. Por exemplo, as grandes nações podem dispensar que o novo anno lhes prometta os beneficios pequeninos e facéis que nós lhe supplicamos, e elle proporcionar-lhes as grandes aventuras tragicas, arremessando por um lado ao seio d'ellas milhões em dinheiro, e roubando-lh'os por outro — em homens.

Nós não somos tão ambiciosos. Cinco mil contos para matar o deficit e uma lyra para cantar as tradições gloriosas, e estamos satisfeitos.

— Consultando o inventario dos bens que o anno findo nos legou devemos concordar que no genero promessas risonhas foi na verdade em que elle se mostrou mais prodigo. Prometteu-nos avenidas, monumentos, instrucção, moralidade, o Alviella, economias e uma serie de raias coisas encantadoras e doces, e deu-nos simplesmente uma coisa em que os governos não costumam fallar no discurso da corôa, nem os jornaes nos artigos de fundo, e que é por fim de contas a unica, bella, risonha e positiva que nós usufruimos desde a fundação da monarchia, creio eu; deu-nos um magnifico sol reluzindo no concavo do mais nitido e mais azul dos céus, como um pomo de oiro n'um prato de saphira!

Como o nosso futuro financeiro estaria completamente desnuveado se nós, depois de não podermos exportar mais vinho, podersemos começar a exportar o astro do dia!

— Para completar o idyllo, o anno de 1879 não acabou simplesmente com alguns bellos dias de sol. Além das portarias publicadas na folha official, acabou tambem com algumas bellas paginas de versos.

Alegre, radiante, requebrado, aqui tenho n'este instante, pousado diante de mim, o *Melro*, ultima canção de Guerra Junqueiro:

O melro eu conheci-o,
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador jovial;
Logo de manhã cedo
Começava a saltar d'entre o arvoredo
Verdadeiras risadas de cristal.

Esta poesia, d'uma natureza symbolica, revolucionaria no fundo em vez de o ser nas exterioridades, accentua uma nova phase da evolução porque passa o espirito do poeta e a poesia do nosso tempo em geral.

Uma excentricidade imprevista e seductora, importada entre as cartonagens litterarias da França, tinha-se por um momento imposto aos espiritos avidos de novidade e sequiosos de modernismo. D'ahi uma rhetorica poetica retumbante; susceptivel das maiores contrafacções, exactamente por que as suas qualidades consistiam ainda mais no ruido do que no pensamento.

N'este momento as columnas dos jornaes das duas Beiras e das filhas adjacentes veem cheias d'essas trovas sanguinarias, aonde o mais pacifico amanuense, nas horas vagas, se mostra disposto a derrubar as instituições, bebendo o *sangue dos tyrannos*, em verso, e indo em seguida votar no candidato do governo em prosa.

A nova fórma poetica de Guerra Junqueiro, é já muito diversa, e n'estas estrophes limpidas e encantadoras do *Melro* accentuam-se todas as brillantes qualidades d'uma poderosa individualidade, desapparecendo os *seductores* defeitos de escola que caracterizam aquelles brillantes versos de ha quatro ou cinco annos.

Entretanto essa exuberancia de seiva poetica, essa apoplexia de vida e de calor que referve nas ardentes composições d'outr'ora, ahi se manifestam no *Melro*, em todo o poder da sua omnipotente e estranha harmonia.

E entre a luz do luar e os sons e as flores
Na atonia cruel das grandes dores
O melro solitario
Jazia inerte, exanime, sereno,
Bem como outr'ora a mãe do Nazareno,
Na noite do Calvario!

Emfim, consolem-nos as ondulações sonoras d'esta poesia seductora, das avalanches de prosa que o parlamento em breve descarregará sobre as nossas cabeças!

— *Reflexos e Penumbra* é o titulo d'um livro de versos, traducções de Victor Hugo e originaes de Fernando Leal, poeta de talento que emprehendeu a ardua tarefa de trasladar para a nossa lingua algumas das mais celebradas composições do grande mestre.

E conseqüiu-o a primor se bem que em trabalhos d'esta natureza se dê uma difficuldade extrema, — a differença da harmonia das duas linguas, differença que faz com que a nota da epopêa entre nós tenha de ser afinada n'um diapason diverso do da epopêa franceza.

Ou então, quando se procura rigorosamente vasar o pensamento d'um poeta nos moldes d'uma lingua estranha, tem de admittir-se certa differença nos accordes poeticos, uma certa aspereza impossivel de supprimir sob pena de roubar á idéa para conceder á musica.

Temos um exemplo d'isso na conhecida poesia dos *Chatiments*, o *Pelourinho da Historia*, que Fernando Leal traduz, ao concluir:

Dizes em teu orgulho: «Eu vou passar á historia!»
Não, bandido nocturno! o templo te é defeso;
Não, tu não has de entrar na historia. Por desprezo,
Mocho pelado, andrajo humano, besta morta,
Has de ficar de fora, e cravado na porta!

Evidentemente a musica da nossa lingua não deu a esta ardente estrophe de Victor Hugo aquelle clangor sonoro e estrepitoso ao som da qual baqueou o segundo imperio.

A musa da indignação, fallando em portuguez, tinha evidentemente de o fazer d'outra fórma.

Entretanto Fernando Leal fez simplesmente o que podia fazer, mesmo o mais que era possível fazer, e para nos mostrar a sua carta de naturalisação poetica, sem a qual alguém lhe podia contestar o direito de ser o interprete d'um semi-deus da grandeza de Victor Hugo, encerra o seu volume com vinte e tantas composições suas, filhas legitimadas da sua

musa, nas quaes se revelam notabilissimas qualidades poeticas.

— Acontecimentos artisticos de outra ordem, não me consta que assignalasses a quinzena ultima, a não ser um: a estreia da sr.^a Paladini, ex-tragica italiana, no theatro de D. Maria II.

Evidentemente a actriz Paladini não falla um portuguez irreprehensivel, por em quanto, e se o theatro que na praça do Rocio tem a honra de sustentar a estatua de Gil Vicente no frontespicio, fosse um theatro escola, um theatro normal, modelo da arte de bem fallar, de bem representar, de bem dizer e de bem vestir, os poderes publicos o mais que tinham a fazer, era agradecer á distincta tragica tamanha prova de dedicacão, supplicando-lhe ardentemente que continuasse a representar na sua lingua materna na Italia, ou aonde muito bem quizesse, excepto ali.

O theatro de D. Maria II não é porém isso. E' simplesmente um honesto pardieiro, mais ou menos alindado, que os governos dão a qualquer, de graça, com a condição de não lhes pedirem dinheiro para caiações, tanto nas paredes como na parte artistica.

Sabedoria como a dos governos portuguezes, é evidente que não existe outra igual no mundo!

Sendo isto assim, a sr.^a Paladini vindo representar no theatro de D. Maria II, fez um serviço valioso á empreza e mesmo á arte dando uma lição aos srs. ministros do reino.

E depois é uma actriz de talento, e dos srs. ministros, como actores da comedia politica, nem sempre se poderá dizer o mesmo.

A sr.^a Paladini se não é, por enquanto, uma actriz para arrebatrar academicos, na *Dora* de Sardou já mostrou que pode muito bem arrebatrar as multidões.

GUILHERME D'AZEVEDO.

ESTABELECIMENTOS SCIENTIFICOS DE PORTUGAL

A BIBLIOTHECA DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA

A bibliotheca da Universidade de Coimbra, se não pôde competir na extensão e numero de volumes com as das principaes cidades da Europa, avanta-se-lhes porém a todas na elegancia e belleza das salas e na riqueza das decorações interiores. Tal é a opinião de Raczyński e d'outros viajantes que têm visitado as mais celebres bibliothecas da Europa.

Já no seculo XVI havia na Universidade uma livraria em que serviram de guardas Fernão Lopes de Castanheda, o auctor da *Historia do descobrimento e conquista da India*, e Pedro de Mariz, o auctor dos *Dialogos de varia historia*. Parece que esta antiga bibliotheca seria nos Geraes, n'uma das aulas que hoje tem a faculdade de theologia.

A nova bibliotheca edificada desde 1717 a 1728, sómente se patenteou ao publico em 1777 ou 1778. Estranhar-se-hia que o marquez de Pombal deixasse permanecer fechado tão util e necessario estabelecimento, se não se soubesse que por julgar a casa pequena e pouco propria para o fim a que era destinada, tencionava acrescentar-lhe um novo edificio no logar onde hoje está a capella, que deveria ser reconstruida e de outra sorte orientada.

Com effeito a bibliotheca da Universidade, bem como outras obras d'el-rei D. João V, presente-se do amor do luxo, do espirito de vaidade e de ostentação que o dominavam. E um monumento magnifico, sumptuoso, admiravel, se o considerarmos como obra artistica. Se attendermos porém ao destino do edificio, achal-o-hemos falto de conforto, de commodo e até de propriedade, isto é das qualidades que deve ter qualquer casa, destinada para leitura e conservação de livros. O marquez de Pombal com as suas tendencias utilitarias não deixava de certo de qualificar de puro desperdicio a luxuosa construcção da bibliotheca em que se dispenderam 66:622\$129 réis, não contando 14:385\$000 réis em livros.

O edificio, de estylo jonico, está situado para além da capella, com a frontaria voltada ao

nascente sobre o pátio da Universidade, e a fachada lateral, com as suas seis enormes janelas envidraçadas, ao sul.

Interiormente o espaço da bibliotheca é dividido em tres grandes salas por dois arcos de volta redonda e de grande altura, como os cruzeiros dos templos. E a apparencia interior do edificio é com effeito a de um templo magestoso, exornado não de symbolos religiosos, mas de emblemas scientificos. A profusão e riqueza da obra de talha e douradura, o acharado das estantes, as estatuetas, grinaldas laçarias e florões, as magnificas pinturas dos tectos, tudo causa um sentimento de profunda admiração n'aquelles que pela primeira vez contemplam taes e tantas maravilhas.

No topo da terceira sala, em frente da porta, no logar de honra, está o retrato do fundador, el-rei D. João V, moldurado em primores de esculptura e de pintura.

Os tectos de estuque foram pintados pelos dois mestres de Lisboa, Antonio Simões Ribeiro e Vicente Nunes, pela quantia de 1:902\$100 réis. A pintura e douradura das estantes e galerias e de toda a obra de talha foi executada por Manuel da Silva, de Coimbra e custou 4:245\$400 réis.

O pagamento é de vistoso mosaico de pedra de duas côres, cinzenta e branca. Em cada sala ha duas mezas riquissimas, quatro de ebano e duas de gandarú com embutidos e ornatos ressaltados de petú. Custaram estas seis mezas 4:410\$115 réis.

Não obstante a excellente exposição do edificio, a grande quantidade de raios solares que recebe pelas altas e largas janellas da fachada meridional, não obstante o guarda-vento de madeira pintada que mesquinhamente destôa de tudo o mais, nos dias de inverno sente-se nas salas um frio rigoroso, que afugenta os leitores e incommoda os empregados.

Seria por extremo vantajoso facultar aos alumnos da Universidade a leitura durante a noite. Porém não se pôde pensar em fazer servir as enormes e frias salas lageadas da bibliotheca para este fim.

Por isso, e porque todo o espaço interior, comprehendendo o grande salão subjacente ás salas e até as lojas terreas subjacentes ao salão, está cheio de livros, tem-se pretendido n'estes ultimos annos construir uma nova sala, destinada para augmentar o espaço para estantes, e mais em particular para a leitura nocturna.

É uma obra de necessidade urgente, que se fará talvez quando algum governo se lembrar emfim de dar aos melhoramentos moraes uma pequena parte da importancia que os melhoramentos materiaes tem tido em Portugal. Ha alguns annos foi apresentado um projecto para se construir a nova sala no quintal da capella, contiguo á bibliotheca. Sendo porém má a exposição d'este logar, e convindo por outra parte não edificar n'esse pequeno espaço por onde a extremidade occidental dos paços das escolas, a capella e a bibliotheca recebem ar e luz, preferiu-se ultimamente para a construcção projectada o terreno comprehendido entre as antigas muralhas a oeste do edificio e do lado da Pedreira. Na direcção das obras publicas do districto de Coimbra está para concluir o projecto d'esta obra importante.

Depois que se abriu a nova bibliotheca da Universidade, foram bibliothecarios os drs. Antonio Ribeiro dos Santos, Ricardo Raymundo Nogueira, Joaquim dos Reis, Antonio Honorato de Caria e Moura e Manuel de Serpa Machado. Actualmente é bibliothecario o sr. dr. Bernardo de Serpa Pimentel, lente jubilado da faculdade de direito, em cujo impedimento serve de bibliothecario interino o auctor d'estas linhas. Em 1871 serviu tambem interinamente o dr. Bernardo Antonio Serra de Mirabeau, que no pequeno espaço de tempo que a sua gerencia durou, obteve alguns melhoramentos importantes.

Além do bibliothecario, tem a bibliotheca dois officiaes, um continuo e um porteiro. Mas este quadro, que é ainda do seculo passado, cada vez se torna mais deficiente, pelo au-

gumento progressivo do numero dos livros e da concorrência dos leitores e visitantes. Ao passo que, para occorrer ás necessidades do ensino, tem duplicado e triplicado o numero dos empregados de outros estabelecimentos da Universidade, o quadro da bibliotheca permanece inalteravel ha um seculo!

A desordem em que estão grande parte dos livros, a mutilação e extravio de obras de valor, a insufficiencia dos catalogos, a falta de inventarios tem por causa principal o pequeno numero de empregados, mal aggravado nos ultimos annos pela decrepitude dos officiaes, um dos quaes falleceu ha poucos dias.

A bibliotheca da Universidade de Coimbra, que em 1823 continha quarenta e dois mil, possui hoje perto de cem mil volumes. A dotação annual é de 1:800\$000 réis, sendo réis 600\$000 para livros estrangeiros.

A. FILIPPE SIMÕES.

ANTONIO GIL

A redacção do OCCIDENTE pede-me que acompanhe o retrato de Antonio Gil com algumas linhas, porque as dimensões do jornal não comportavam grande artigo, e nem mais podia dar, desde que elle foi o biographo de de si proprio, como consta do *Diario de Noticias* n.º 4:969 de 6 de dezembro; e que o resto está justa e devidamente entregue ao meu amigo e collega Luiz Garrido, que fará o elogio historico perante a associação dos advogados, e Silva Tullio na Academia das Sciencias.

Pois foi na associação dos advogados que mais conheci Antonio Gil. Estava ella então na rua dos Fanqueiros; e ia morrer. Reunimo-nos tres ou quatro para assistir ao funeral, quando tomei a palavra; e por um esforço homérico propuz remedios heroicos, e salvei a enferma. Antonio Gil estava presente; apoiava tudo quanto não fosse contribuir com dinheiro.

Não era avarento; mas exageradamente poupado. Dahi por diante as sessões repetiram-se; e Antonio Gil occupou o logar que lhe competia de jurisconsulto distincto, versado profundamente na sciencia do direito, o verdadeiro litterato, porque quem o frequentava de perto podia avaliar o que sabia em litteratura, sciencias naturaes, moraes, e ainda politicas.

Sem que figurasse em nenhuma politica militante e irritante, porque, como escreveu, *foi sempre inclinado ás idéas liberaes e progressistas, mas nunca passava além das opiniões e sempre muito pacato.*

Lembra-me que por essa epocha, discutia-se uma renhida questão que prendia com o direito inglez e portuguez. Eu tinha uma certa vaidade de saber alguma coisa do direito inglez; e com o pobre Ephraim, atacado da mesma veicidade, colligámo-nos para combater o parecer de Antonio Gil.

Fallámos ambos muito; Antonio Gil fallou ainda mais. A discussão ficou addiada; e na conferencia seguinte, Antonio Gil não faltou, assim como nunca faltou á associação em quanto as forças e a saude lh'o permitiram.

Foi o primeiro a pedir a palavra; tinha estendido, como sempre um lenço, dos chamados de tabaco, sobre o peito, cujas pontas iam atar atrás das costas junto ao pescoço, e na mão direita empunhava um quarto de papel.

Sr. presidente. — Venho declarar que me passei para o inimigo com armas e bagagens!

E as *bagagens* eram os apontamentos que mostrava na dextra; e as armas a sua grande intelligencia.

Então combateu tudo quanto havia dito anteriormente; e seguiu a nossa opinião.

Era a tempera d'aquella alma, singela e ingenua. Sem pretensões, sem nem sequer sombra de amor proprio; entusiasta por todos os rapazes estudiosos, vacillante diante dos sophismas de intelligencias mais ou menos brilhantes, era facil de ceder a toda a hora; e recuava em presença de todos, sem azedume, com meiguice, e com a docilidade da criança mais obediente e paciente.

Os trabalhos de Antonio Gil na commissão do codigo civil, e na *Gazeta dos Tribunaes* — são de grande valia. Os seus estudos como advogado, preciosos e eruditos.

A *Gazeta*, que fundou de camaradagem com o seu melhor amigo Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman (o qual levou a sua dedicação e amizade tão longe, que só para não descontentar Antonio Gil, no ultimo periodo perderam muito dinheiro,) este jornal, no começo teve dias prosperos, e n'esses aureos tempos repartiam-se lucros; e quando Antonio Gil o recebia, dizia-lhe:

— Ó Antonio Maria, se depois me has de tornar a pedir o que me dáes, não m'o des.

Ribeiro Holtreman era o seu homem. Os seus calculos financeiros, obtidos á custa de severas e duras economias, passavam pela feira do seu amigo, que é realmente estimavel e utilissimo como jurisconsulto pratico e experimentado, e versado em todas as cousas da vida; habilissimo advogado, e de um estudo, memoria e applicação invejaveis.

Antonio Gil era frequentemente o convidado de Antonio Maria Ribeiro da Costa Holtreman. Guloso e comilão — o seu abdomen não desmentia a gula.

Mas Antonio Gil queria conservar recato na bocca; porque temia as indigestões; e então ainda Holtreman era o medico.

A cada prato que chegava, perguntava-lhe:

— Que te parece? Isto far-me-ha mal?

— É melhor que não comas...

— Mas cheira tão bem!...

E comia d'este e de todos os guisados, repetindo a pergunta; e reagindo sempre com igual resposta.

Se vos disser, leitor, que Antonio Gil, quasi no ultimo periodo da vida, principiou a aprender a tocar piano, com uma preta, acreditai-o-heis? Não sei se seria a Venus negra. Talvez!

Pois é verdade; assim como tambem é, que nem sequer passou das primeiras escalas.

Antonio Gil tinha uma paixão pelo estudo, e o seu unico prazer eram os livros. Ficando no escriptorio do distincto advogado Mendonça, que mal conheci, concebeu a idéa de fazer do filho um bom advogado. Esse filho é o actual barão de Mendonça.

Não o conseguiu, porque a profissão é enfadonha para os que sonham com as maravilhas das *Mil e uma noites*.

Ainda juntos por algum tempo se conservaram, até que um dia — a ave soltou um vôo, e só pousou no *baronato* e no *consulado*!

Pois contava-me Mendonça, e é certo, porque tive occasião de o presenciar mais de uma vez, que Gil dictava em regra, mas depois de um certo espaço de tempo, mandava parar o escrevente, que ficava com a penna suspensa, e Gil entranhava-se nas salas, onde tinha estantes com magnificos livros, tudo de Mendonça; e ninguem o via mais!

Então o escrevente levantava se, porque já tinha passado boa meia hora, e ia dar com Antonio Gil a ler muito socgado um livro de sciencia ou philosophia, que lhe absorvia toda a attenção.

— Continuamos, sr. doutor?

— O quê?

— A minuta que ficou em principio...

— Diz bem.

E parecia acordar, proseguindo a dictar, como se a intelligencia não tivesse derivado para assumpto tão diverso d'aquelle que antes a prendera.

Podia ir muito mais longe, mas a derrota foi-me traçada.

Antonio Gil nasceu pobre, pobrissimo. Foi para a Universidade de Coimbra, onde viveu com o auxilio dos amigos, e com o producto de dissertações que fazia em latin, lingua que sabia a fundo; e se não morreu inteiramente pobre, foi isso devido á extrema parcimonia que sempre manteve, e ao muito trabalho, que lhe permitiu juntar um peculio, que, ao menos, salvará a sua viuva da fome e da miseria.

Não escreve Lusiadas quem janta

Em toalhas de Flandres; quem estuda

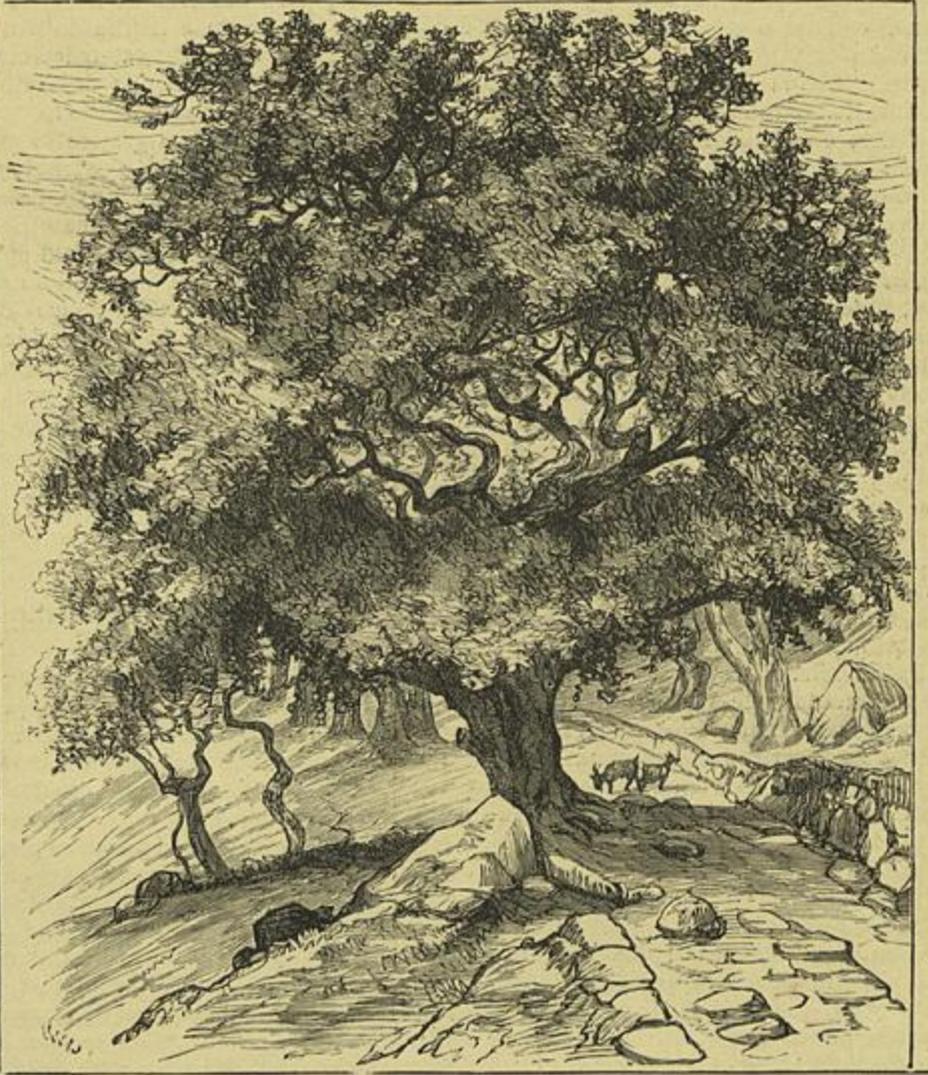
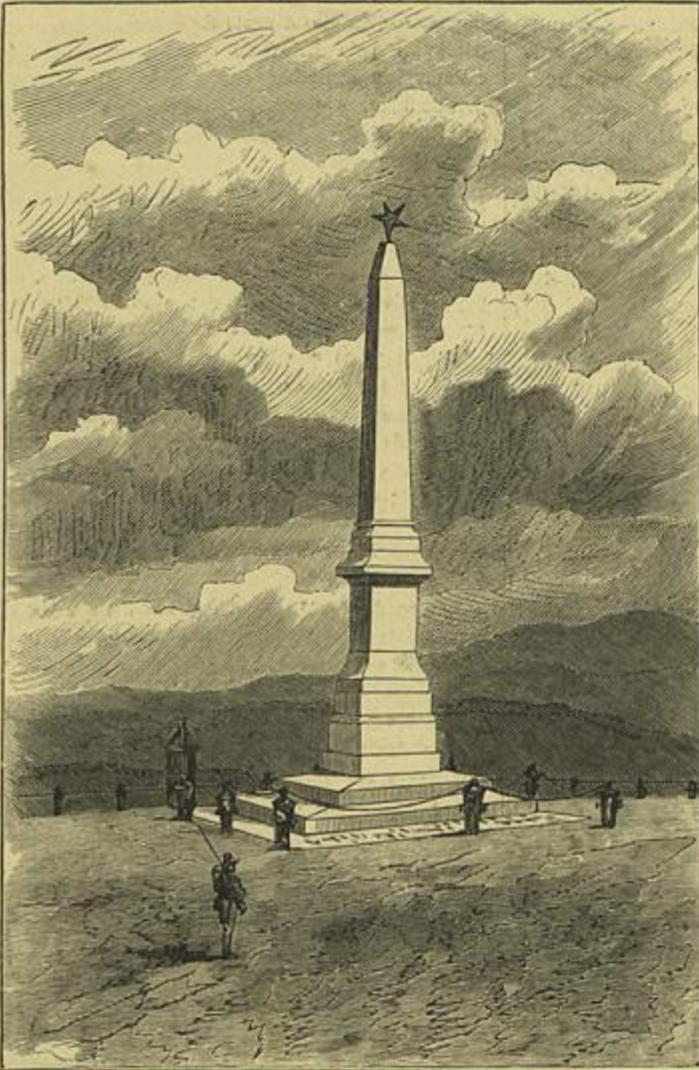
Em camarins forrados de damasco.

É esta a grande verdade proclamada por Garcão, na satyra 1.^a

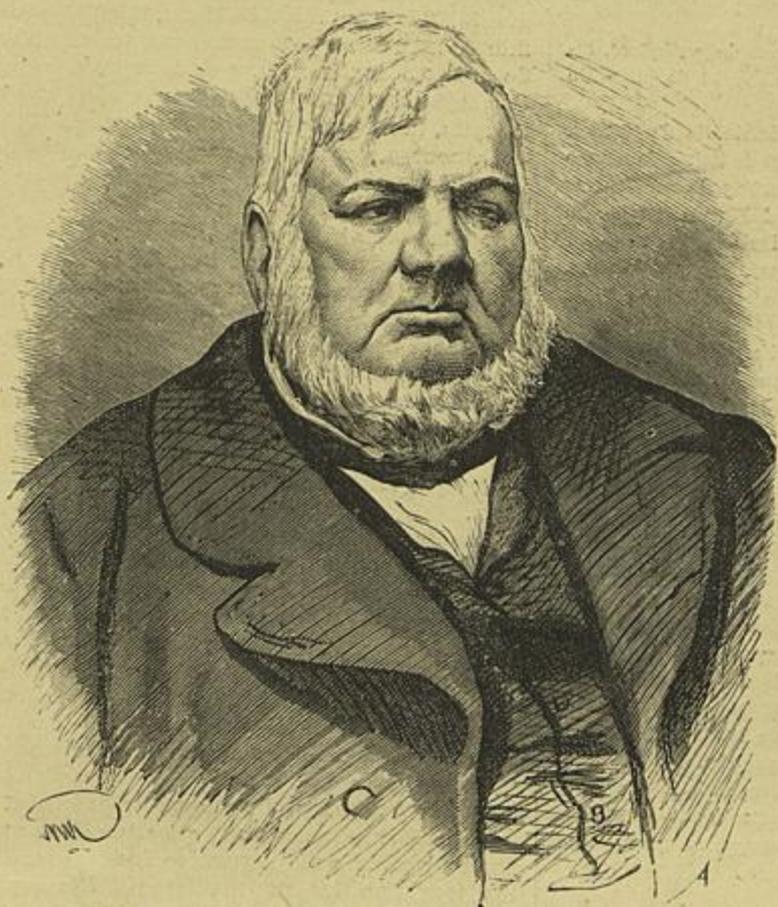
Lancei ao acaso, e á proporção que me auxiliava a memoria, dois ou tres traços da feição mais risonha e especial de Antonio Gil.

As sepulturas hoje não são logares inteiramente lugubres e medonhos. Ha por lá muita flôr; e se o coração ainda sente, parece o soffrimento menor quando os olhos gosam e o olphato não padece com a podridão dos sepulchros.

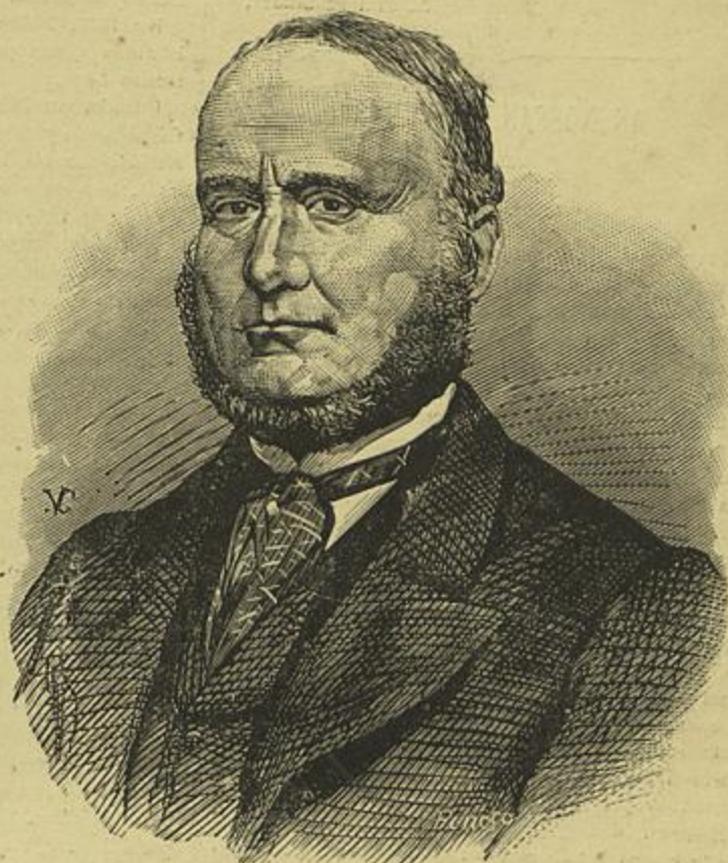
Para outros mais habeis o complemento, porque dei o que podia e sabia dar ao correr da penna; e com intima convicção da verdade do que despretenciosamente escrevi.



BUSSACO — MONUMENTO DA BATALHA DO BUSSACO. — NOS CARVALHAES DA PORTA DE COIMBRA. — CAPELLA DE S. PEDRO. — HOTEL SERRA, NO LUSO. — NO INTERIOR DA MATTÁ (Dezenho de M. Macedo)



DR. ANTONIO GIL — Fallecido em 24 de Novembro de 1879
(Segundo uma photographia do sr. S. Fonseca)



DR. ANTONINO JOSÉ RODRIGUES VIDAL
Lente da Universidade de Coimbra, fallecido em 18 de novembro de 1879
(Segundo uma photographia do sr. Schenk)

DR. ANTONINO VIDAL

O dr. Antonino José Rodrigues Vidal, lente de prima jubilado da faculdade de philosophia da Universidade de Coimbra, do conselho de Sua Magestade, commendador da ordem da Rosa, nasceu na Anadia, districto de Aveiro, a 5 de setembro de 1808.

Tendo completado em poucos annos e com distincção o estudo das disciplinas preparatorias, matriculou-se em mathematica e philosophia no anno de 1823, e em medicina no anno de 1826.

Tomou parte activa na revolução liberal, alistando-se em 1828 no battalhão de voluntarios academicos; pelo qual foi riscado da Universidade, e que só em 1837 pôde concluir a formatura em medicina e tomou o grau de doutor em philosophia. Foi-lhe dado gratuitamente este grau, concessão honrosa, a que só podiam aspirar os mais distinctos dos alumnos da Universidade.

Foi nomeado lente substituto por decreto de 1 de setembro e carta regia de 14 de dezembro de 1838. Substituiu em 1839 e nos annos immediatos o professor da cadeira de botanica e director do jardim botanico. Já por esse tempo ali prestou bons serviços, que depois foram continuados pelo professor cathedraico e director effectivo o dr. Pedro Norberto.

Por morte d'este professor, reassumiu o dr. Antonino a regencia da cadeira de botanica e a direcção do jardim. Foi desde então que mais se dedicou a melhorar este estabelecimento, pela acquisição de novas plantas. Tanto das plantas como das sementes do jardim imprimiu varios catalogos, escriptos na lingua latina.

No anno de 1855 saiu o dr. Antonino da cadeira de botanica e da direcção do jardim, exercendo por muitos annos estas funcções o dr. Henri-



D. JOAQUIM GONÇALVES D'AZEVEDO, ARCEBISPO DA BAHIA
Fallecido em 6 de Novembro de 1879 (Segundo uma photographia)

que do Couto. Em 1869, porém, já aquelle professor estava outra vez regendo a cadeira de botanica e dirigindo o jardim, e continuou n'este exercicio ainda depois da sua jubilação que foi em 1870.

Em 1869 começou a imprimir um tractado de botanica. Deixou muito adiantada, porém não concluida, a impressão tanto do primeiro como do segundo dos dois tomos de que a obra deveria constar.

Em 1846 e 1847 prestou grandes serviços á causa da revolução popular, redigindo em Coimbra o *Grito Nacional*, e contribuindo para a formação do battalhão da Bairrada, em que serviu de major, sendo commandante seu tio Joaquim Rodrigues de Campos.

Entrando em Coimbra, o conde das Antas dissolveu este battalhão, ordenou porém tanto ao ex-commandante como ao ex-major que, com os populares que podessem ajuntar incommodassem a retuarda das tropas do duque de Saldanha que se estendiam para a parte do Porto.

No dia 25 de fevereiro de 1847, estando em Villa Nova de Monsarros, foram sorprendidos por uma força de cavallaria, Joaquim Rodrigues de Campos e alguns dos populares foram assassinados e roubados. Outros, e entre elles o dr. Antonino salvaram-se a grande custo, fugindo.

Deixára o ex-commandante assassinado tres orphãos que ficariam ao desamparo, se o dr. Antonino os não recolhesse para sua casa concorrendo-lhes com as despesas da educação litteraria na Universidade ou n'outras escolas superiores.

O dr. Antonino José Rodrigues Vidal foi por duas vezes eleito deputado ás côrtes pelo circulo da Figueira da Foz. Depois de jubilado, dedicou-se á direcção da lavoura da sua casa do Travasso na Bairrada, e serviu ainda o logar de presidente da camara municipal da Mealhada.

Falleceu na sua casa do Travasso na noite de 17 para 18 de novembro de 1879.¹

A. FILIPPE SIMÕES.

AS NOSSAS GRAVURAS

O BUSSACO

D'esta preconizada floresta e seus arredores tem-se dito, em prosa e verso, tudo que á inspiração dos poetas e á phantasia dos prosadores, tem suggerido de mais tocante e caloroso. No OCCIDENTE mesmo já tivemos occasião de apresentar um detalhe d'esta pittoresca matta, acompanhando a respectiva gravura das palavras que as circumstancias reclamavam. Não faremos hoje mais estylo.

As gravuras que enchem a nossa quarta pagina representam novos detalhes da opulenta floresta. Uma carvalheira gigante, junto da porta de Coimbra, a capelinha de S. Pedro, occulta n'um dos mais pittorescos recessos do bosque, um ponto no interior da matta, — um verdadeiro lugar de meditação e de refugio, onde os melancolicos, sob uma verdadeira abobada de verdura, se podem mergulhar em mystica poesia; depois o Hotel Serra, no Luzo, ás abas do Bussaco, estancia dos forasteiros que visitam aquelles logares nas alegres romarias da primavera e do estio; finalmente o monumento commemorativo levantado no logar aonde no dia 27 de setembro de 1810, se feriu a famosa batalha entre o exercito anglo-luzo, commandado por Wellington e o francez commandado por Messena.

N'este campo batalharam 60:000 francezes, 30:000 inglezes e 27:000 portuguezes. As participações do celebre general inglez dão o exito da victoria como devido aos soldados portuguezes. Foi ali que o regimento d'infanteria 8 deu a celebre carga de bayoneta que ficou legendaria e fez o espanto das fileiras contendoras.

Ha poucos annos um raio destruiu o obelisco commemorativo que de novo se acha de pé: emquanto á matta os poderes publicos tem-lhe nos ultimos tempos prestado uma certa attenção, e se por um lado a influencia official lhe tem roubado um certo pittoresco, por outro tem conseguido, cruzando-a de bellos caminhos, e circumdando-a de largas estradas, tornal-a accessivel a todos que a veneravam mas que achavam incommodo ir vel-a.

O Bussaco é hoje uma paragem obrigado dos viajantes que se prepõem a visitar as curiosidades do nosso paiz.

Na verdade, depois de Cintra é a estancia mais amena e mais encantadora de Portugal, se bem que os seus caracteristicos sejam muito diversos dos do glorioso Eden cantado por Lord Byron.

Do sitio denominado a Cruz Alta no Bussaco, descobre-se o panorama mais vasta e mais surpreendente que se pôde suppôr. Ao contemplal-o é raro o que não se sente poeta, e d'esse phenomeno, vulgarissimo no nosso paiz, são testemunhos as numerosas estrophes, em todas as medidas, gravadas pelas paredes das capelinhas perdidas no bosque.

É certo que se o Bussaco tem inspirado bellos pensamentos, tambem por outro lado tem inspirado detestaveis versos!

Não devemos concluir sem notar que o obelisco commemorativo da batalha do Bussaco, foi levantado, principalmente, em virtude dos esforços para esse fim empregados pelo sr. general Joaquim da Costa Cascaes, intelligente escriptor e um dos mais convictos propugnadores das nossas tradições gloriosas.

Fica bem este attestado do nosso antigo denodo ao pé do Bussaco aonde muitos portuguezes simplesmente se podiam ir divertir, sem se lembrarem do que outros soffreram para elles hoje realizarem essas alegres romarias nas santas doguras da paz.

D. JOAQUIM GONÇALVES D'AZEVEDO

Arcebispo da Bahia

O venerando prelado de quem o OCCIDENTE dá hoje o retrato nasceu na villa do Turyassú, provincia do Pará, em 19 de fevereiro de 1814.

Fez os seus estudos n'um collegio do Maranhão, cursando depois as aulas do seminario do Pará, aonde pela sua intelligencia e applicação aos estudos ganhou a estima de companheiros e superiores.

¹ Algumas das datas e dos factos referidos nas noticias biographicas dos drs. José Teixeira de Queiroz, Raymundo Venancio Rodrigues e Antonino José Rodrigues Vidal foram extrahidas dos artigos mais extensamente escriptos no *Conimbricense* pelo sr. Joaquim Martins de Carvalho.

Bem depressa, como recompensa da sua assiduidade lhe foi conferida a regencia da cadeira de latinidade no mesmo seminario.

Em 1837, foi-lhe conferida a ordem de presbytero, celebrando a sua primeira missa no dia 16 de junho do mesmo anno.

Quando, em 1848, se fundou o seminario de Manaos, foi nomeado para o importante cargo de Reitor do mesmo seminario, e no Amazonas desempenhou diversos cargos civis, taes como o de director geral d'instrução publica e segundo vice-presidente da provincia.

Achando-se vaga a diocese de Goyaz, foi nomeado bispo, sendo esta nomeação confirmada no consistorio de 25 de setembro de 1865.

Em 1866, no dia 1.º de julho foi sagrado na cathedral do Pará, seguindo para a sua diocese em abril seguinte. De começo para conhecer as necessidades espirituas dos povos de que ia ser pastor vigilante, emprehendeu longas excursões pelo interior da provincia, dotou a sua diocese com um seminario, no qual á falta de sacerdotes para o curso theologico elle proprio exerceu as funcções de lente, dando assim uma prova d'essa estranha abnegação e amor ao trabalho que deve ser o apanagio de todo o sacerdote christão.

O imperador, querendo recompensar-lhe tão acrisoladas virtudes, escolheu-o para o mais preeminente logar da egreja brasileira, nomeando-o arcebispo e primaz da diocese da Bahia em 14 de março de 1876, assumindo em 14 de maio de 1877 as funcções d'aquelle importante cargo.

Foi um apostolo dedicado do evangelho. Foi um pastor digno, um prelado respeitavel e um christão exemplar. Derramou o seu saber pelos ignorantes e os seus haveres pelos infelizes. Não ha traço biographico que melhor possa honrar a memoria d'um crente.

CONCURSO HIPICO NA GOLLEGÃ

Nos termos do regulamento de agricultura districtal, approvado por decreto de 28 de fevereiro de 1877, celebrou o conselho de agricultura do districto de Santarem na villa da Gollegã, por occasião da feira annual de S. Martinho (em 13 de novembro do anno proximo passado) um concurso pecuario.

N'este concurso, tão bem representado quanto esperançoso em todas as suas secções pelos exemplares exhibidos inculcando uma manifesta tendencia ao melhoramento das differentes especies pecuarias da circumscripção ribatejana, sobrelevava a secção hippica, que era o primor d'elle, pela quantidade e excellencia dos animaes que a abrilhantavam.

São tres d'estes o que figuram as gravuras que apresentamos: *Chasseur d'Afrique*, *Little-Boy* e *Vencedor*, exhibidos como cavallos reproductores no grupo respectivo pelo distincto lavrador-criador o sr. Carlos Relvas, e que tão considerados foram no dito grupo pelo jury do concurso, que este lhes conferiu a distincção de premio.

O *Chasseur d'Afrique* e *Little-Boy* são cavallos da raça ingleza das corridas, dita de *puro sangue* (*throug-bred*), que quando os documentos o não dissessem, ali estava o seu todo morphologico, — na fórma do corpo um tanto esgalgado, pescoço delgado e direito, cabeça um tanto brachycephala e secca, boa garupa, espadua longa e obliqua, pernas mais direitas que acurvilhadas, musculatura bem distincta que não empastada — a inculcar o caracteristico de semelhante raça.

O *Chasseur d'Afrique* deu já provas do que vale em folego, celeridade e pujança hippica, como corcel distincto nos hippodromos de Inglaterra e Portugal, onde por vezes obteve a palma da victoria á competencia com outros famosissimos corseis, ganhando em 12 corridas 7 premios no valor total de 2:640\$000 réis; e deu tambem já provas do que vale como reproductor *selecto* no concurso que analysámos, pelas crias que ahi se exhibiram filhas d'elle, e que taes eram que o jury declarou no seu auto o seguinte: — «notando o jury mui distinctas as crias cavallares, filhas do *Chasseur d'Afrique* e do *Gladiador* pertencentes a este productor (C. Relvas) propoz-lhe mais a adjudicação de uma medalha por este facto.»

O *Little-Boy*, pouco mais de poldro pela idade (4 annos) que não pelo corpo que bem avulta, não conta ainda triumphos hippodromicos, nem crias produzidas que testemunhem de sobra o seu merito, que é de crer, sujeito que seja ás provas por que tem passado seu camarada, lhe não fique por mui somenos. O jury do concurso, conferiu-lhe um premio, por motivo de qualidades que presuppõem n'elle um bom reproductor.

O *Chasseur d'Afrique* e *Little-Boy*, pertencem como já dissemos á raça ingleza dita de *puro sangue* (*the Race-Horse*), a essa famosissima raça que é uma das glorias de Inglaterra, e que ahi se iniciou pelos fins do seculo xvii pela introdução de alguns cavallos de sangue oriental, arabes principalmente, e se firmou e caracterizou no tom que lhe é proprio no meado do seculo xviii, por effeito da gymnastica das corridas, que foram motivo e causa de semelhante raça.

Não temos tempo para investigar no *Stud-book*, livro de registro de genealogia d'esta raça, a ascendencia do *Chasseur d'Afrique* e do *Little-Boy*, a vér de qual das afamadas familias d'ella elles procedem, se da de *King-Herod*, se de *Matchem* ou da famosissima do *Eclipse*. A qualquer d'estas familias, que pertençam, e sobretudo á do *Eclipse*, é isso titulo bastante para affirmar nobreza de sangue e altas qualidades hippicas.

Não será talvez condemnavel desproposito indicar mui summariamente quaes os titulos que recommendam e distinguem os fundadores d'estas tres familias na nobliarchia hippica do *Race-Horse*, titulos todos elles baseados nas qualidades de reproductores de alto merito, e de famigerados corseis de hippodromo.

King-Herod, — fundador da familia d'este nome, nasceu em 1758, e procedia do celebre cavallo oriental *Bierley-Turk*, vindo para Inglaterra no reinado de Jacques II (1685-1688). *King-Herod* correu no hippodromo de 1763 a 1767. Foi pae de 493 cavallos que de 1771 a 1780 ganharam 201:103 libras sterlinas (réis 904:972\$500).

Matchem — estirpe da familia d'este nome, nasceu tambem em 1758 e morreu em 1781. Era filho de *Lath* nascido em 1742 de um cavallo oriental, que nunca se chegou bem a apurar se era arabe, se barberisco, conhecido pelo nome de *Godolphin-Arabian* ou *Godolphin Barb*.¹ *Matchem* sendo empregado como reproductor ganhou por este serviço para seu proprietario 17:000 libras (76:500\$000 réis). Avalia-se em não menos de 160:000 libras (720:000\$000 réis) os premios ganhos por seus descendentes desde 1764 a 1786.

Eclipse, — que deu seu nome á familia que originou. Era filho de *Marshe*, este filho de *Squeri* que descendia de *Darley-Arabian* (oriundo de Palmyra e importado para Inglaterra por M. Darley em 1713) por *Barlett-Schillers*, e de *Spilletta* filha de *Regulus*, filho de *Godolphin*. O *Eclipse* nasceu em 5 de abril de 1764, dia em que se deu um eclipse a que deveu o nome; morreu a 17 de fevereiro de 1789. Apareceu pela primeira vez no hippodromo de Epsom em 3 de maio de 1769 tendo cinco annos de idade, dando carreiras de 6:440 metros em seis minutos; levando de vencida todos os cavallos do seu tempo. O capitão *O'Kelly*, seu dono, retirou-o das luctas do hippodromo depois de 17 mezes de triumphos inauditos, pelos quaes recebeu mais de 24:000 libras (108:000\$000 réis). Recusou vendel-o a lord Grosvenor pela enorme quantia de 12:000 libras (54:000\$000 réis). Pedia 23:000 libras (112:000\$000 réis) e mais uma pensão vitalicia de 500 libras (2:250\$000 réis). Alugou-o depois como reproductor, sendo cada salto de 60 libras. Diz-se que nas victorias do hippodromo, apostas, e no producto das cavalagens o capitão *O'Kelly* obteve uma

O *Godolphin-Arabian* foi comprado por Lord Godolphin em Paris onde puchava por uma corroga d'agua em 1738. Este cavallo mais afamado pelos filhos que gerou, que por si mesmo, fóra dado de presente pelo bey de Tuniz ao rei de Franca Luiz xv, que o desprou. Morreu em 1753 da idade de 39 annos. Mereceu as honras de figurar n'um dos brilhantes romances de Eugenio Sue.

fortuna inacreditavel de 600:000 libras (réis 2.700:000\$000).

O *Eclipse* teve numerosissima descendencia porque viveu muito, 26 annos; e de seus filhos houve 314 que foram vencedores no hippodromo, ganhando a seus respectivos donos mais 160:000 libras (720:000\$000 réis), sem contar o valor das taças de premios de honra.

Portanto o *Chasseur d'Afrique e Little-Boy*, porventura descendentes de alguma d'estas familias da nobre *Race-Horse*, não devem desmentir, como não desmentem a sua ascendencia, porque — nobreza do sangue obriga.

O terceiro cavallo que o sr. Relvas exhibiu com o nome de *Vencedor* e que a gravura representa, é já um producto da sua excellente caudalaria; um producto nacional *Luso-arabe* por ser filho de *Derza*, cavallo arabe que aquelle creador comprára para serviço da dita caudalaria.

O *Vencedor* accusa na sua cabeça pronuncia-damente brachycephala, comprida garupa e um tanto horisontal, e outras partes, sensível manifestação morphologica d'esta admiravel raça (oriental); que originou, como se viu já a raça *puro sangue* ingleza, raça aquella que é a mais acertada ao melhoramento da nossa produccão hippica de bom quilate, que temos por procedente em grande parte da mesma raça natural que ella: o *Equus caballus asiaticus* de Sanson.

E tambem não será aqui, grande despropósito indicar, já que este artigo leva assomos mais de litterario que de scientifico, a lenda arabe sobre a origem e excellencia de semelhan-te raça, dando desconto ao que ha de mystico e de poetico em tal lenda, tão propria do sentimento dos povos orientaes. Extractâmos, o que vamos expôr, do que sobre semelhante assumpto mais desenvolvidamente escrevemos no *Archivo rural* de 1862.

«Depois de Deus haver criado o cavallo, deixou-o indomito e selvagem. Mas, quando fez a vocação de Abrahão e de Ismael para construir em Meca a Kaab ou Casa Santa que devia de ser o santuario de toda a Arabia, disse Deus a Ismael: — «Quero brindar-te com um thesouro que de ha muito para ti reservava. Sob o alto da montanha e clama por esse thesouro.» Ismael, inspirado do espirito do Senhor, obedece, e á sua voz acodem os cavallos que indomitos viviam, Ismael passa a mão por sobre o topete d'estes fogosos animaes, que mansos ficam e obedientissimos á sua vontade. E Deus disse então: «Monta Ismael estes cavallos de nobre raça, tem confiança n'elles, porque a merecem; é a herança que a ti e a teus descendentes cabe para avassallar o mundo e glorificar o meu nome.»¹

Ismael, o filho esurio de Abrahão, o desherdado e fugido da casa paterna, o primeiro ascendente dos arabes de hoje, foi pois, segundo a tradição arabe, o primeiro homem que domou o cavallo, o primeiro que fundou a raça arabe.

Mas rareada correu, na propria Arabia, a produccão bem qualificada, que mal aponta o nobiliario hippico da epoca ante-islamica (nobiliario colligido por Perron, traductor do *El-Naceri*) 430 cavallos famosos, cuja celebridade excitou mais d'um cantico poetico, mais d'uma lenda maravilhosa á ardente imaginação da poesia oriental.

Apparece Mahomet, o propheta de Deus, e eil-o, que proclamando a nova lei religiosa, proclama n'ella, e fóra d'ella, as excelencias do cavallo.

«Chamou Deus, diz Mahomet, á sua presença o austro ou vento sul, e disse:» Quero fazer de ti uma nova creatura, deixa a aerea fluidez, condensa-te e sê visivel. «O vento obedeceu. E Deus pegando n'uma porção d'este demento convertido em materia tangivel e palpavel animou-a com o seu sópro divino, e nasceu o cavallo arabe. «Vae, corre, vó sem azas por essas vastas planicies fogoso corsel» disse o creador de todas as cousas ao nobre animal que aca-

bava de crear, — «serás para o homem um manancial de venturas e riquezas, instrumento de gloria para os que me conhecerem e adorarem, açoute e ruina dos que não seguirem os meus preceitos.»

(Continúa).

S. B. LIMA.

OS GENERAES E O CAMPONEZ¹

Eram uma vez dois generaes, que nem por isso eram dotados de grande esperteza.

De repente, em virtude d'um sortilegio qual-quer, acharam-se n'uma ilha deserta.

Os dois generaes tinham servido durante toda a vida n'uma secretaria. Ahi tinham nascido, ahi tinham crescido, ahi tinham envelhecido. D'esta maneira eram d'uma ignorancia crassa. Não percebiam outras palavras da lingua a não serem estas: «Aceitae os protestos do meu profundo respeito e da minha alta consideração.

Ora aconteceu que um bello dia lhe supprimiram os empregos por inuteis. Postos em liberdade e collocados na disponibilidade, os dois generaes fixaram a residencia em S. Petersburgo, na rua Podiatcheskaia. Cada um tinha o seu quarto e a sua cozinheira, recebendo cada um a sua pensão do governo.

Mas eis que um bello dia, como já se disse, os dois generaes se acharam n'uma ilha deserta, acordando ambos cobertos com um unico e mesmo cobertor.

Naturalmente, não comprehenderam de principio o estranho caso que lhes succedia, e começaram a conversar como se nada de extraordinario se tivesse passado.

— Acabo de ter um sonho extravagante, meu amigo, diz um d'elles. Parecia-me que estava n'uma ilha deserta...

Mas interrompendo-se bruscamente, levantou-se. O companheiro fez outro tanto.

— Senhor! O que significa isto? Aonde estamos nós? exclamaram ambos com a voz alterada, principiando-se a apalpar um ao outro para saber se tal aventura seria um sonho ou uma realidade: mas apesar de todos os esforços para se convencerem de que tudo não passava d'uma visão, foram obrigados a cair na triste evidencia!

D'um lado estendia-se o mar, do outro uma lingua de terra além da qual o mar se via ainda; nada mais do que o mar a perder de vista!

Os nossos generaes derramaram então algumas lagrimas, as primeiras depois da supressão das suas commissões. Contemplaram-se um ao outro e reconheceram que estavam em camiza de noite, com as suas condecorações ao pescoço.

Como seria bom um golo de café, diz um, mas lembrando-se logo da inaudita aventura que acaba de lhes succeder, pozeram-se ambos a chorar. O que havemos de fazer? accrescentou suffocado em prantos. Um relatorio sobre a nossa aventura? Mas o que remediariamos com isso.

— O que é necessario fazer é o seguinte, replicou o outro. V. ex.^a marcha para o nascente, em quanto eu me dirijo para o poente: depois reunimo-nos de novo esta tarde n'este mesmo lugar, e talvez possamos encontrar uma solução.

Principiaram pois a procurar o este e o oeste. Recordaram-se a proposito que o seu chefe superior lhes havia dito uma vez: quando pre-

¹ Este conto faz parte de uma colleccão publicada ha pouco pelo poeta russo Saltykroff, um dos maiores escriptores da Russia actual, e onde gosa de uma popularidade extraordinaria.

Pela intenção revolucionaria que ha no fundo d'este conto poderá avaliar-se o estado dos espiritos n'aquelle vasto imperio, sobretudo se se attender a que Saltykroff é no seu paiz o poeta e o romancista predileto da burguezia e do mundo liberal e parlamentar.

tendaes achar o este: olhae para o norte, e o este ficará á vossa direita. Começaram por consequencia a procurar o norte, por todos os meios ao seu alcance, mas como tinham passado toda a sua vida no serviço de secretarias, nada poderam encontrar.

— Eis o que nos convém fazer, excellentissimo amigo, diz então um d'elles. Marche para a direita, que eu avanço para a esquerda. Verá que se ha de conseguir alguma cousa.

O que fallava assim não havia simplesmente servido nas secretarias. Fóra tambem professor de calligraphia na escola dos filhos dos soldados, o que fazia com que tivesse tambem mais espirito.

O seu conselho foi immediatamente posto em acção. Um avançou para a direita, e eis que descobre arvores e sobre as arvores toda a qualidade de frutas.

Elle teria querido colher ainda que não fosse senão um pomo, mas todos os fructos estavam tão altos, que para os arrancar era necessario subir ás arvores. Tentou fazel-o, mas apenas conseguiu rasgar a camiza.

Chegou por fim á margem de um rio, e o que viu? Um cardume de peixes, exactamente como no viveiro de Tontanka em S. Petersburgo.

— Se nós tivéssemos estes peixes na rua de Podiatcheskaia! pensou o nosso general, e a sua phisionomia illuminou-se por este pensamento gastronomico.

Entrou em seguida n'um bosque. Não viu senão gallinholas, perdizes, lebres.

— Senhor! Que consolação! exclamou elle, e no mesmo instante começou a experimentar um certo mal estar, produzido pela fome, mas forçoso foi voltar, com as mãos abanando, ao logar d'onde partira. O outro general já o esperava.

— Então, v. ex.^a encontrou alguma cousa?

— Aqui está: encontrei um numero antigo da *Gazette de Moscow*, nada mais!

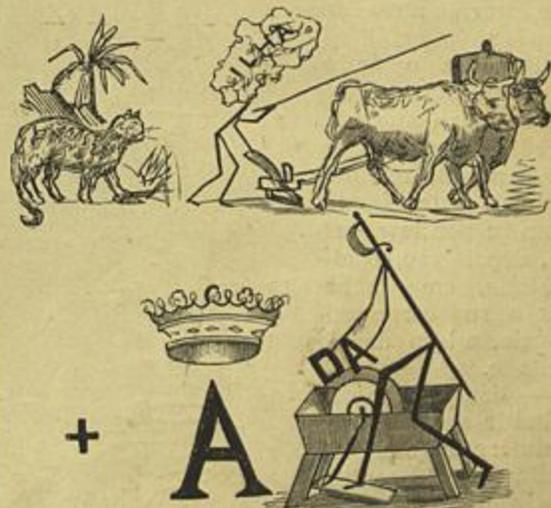
Os generaes tomaram então o partido de se deitarem, mas não puderam dormir com o estomago vazio. Tão depressa os perturbava o pensamento de que alguém estivesse recebendo a ajuda de custo que lhes pertencera, como eram perseguidos pela recordação da fructa, dos peixes, das gallinholas e das lebres que avistaram.

— Quem poderia ter imaginado, meu amigo, diz um d'elles, que o alimento do homem, considerado no seu aspecto primordial, vó no ar, nada na agua e cresce nas arvores?

— Certamente, replicou o outro, devo confessal-o: até aqui julgava que os pequeninos pães alvos, nasciam já feitos, como se servem pela manhã com o café!

— Por consequencia, continuou o outro, se por exemplo, qualquer tem vontade de comer

ENIGMA



Explicação do enigma do numero antecedente:

Atraz de tempo, tempo vem.

¹ Naceri tratado de hippologia arabe tom. 2.^o pag. 20.

uma perdiz, é preciso começar por caçal-a, depois matal-a, depois depeñal-a, depois assal-a... Mas como se consegue tudo isto?

— Sim, como se consegue tudo isso? replicou o outro general á maneira d'um ecco.

Callaram-se e trataram de dormir, mas decididamente a fome impedia-os de o fazerem. As gallinholas, os perus, os leitões succulentos, passavam-lhe ante os olhos com um acompanhamento tentador de pepinos, de cebolinhas e de diversas saladas.

— Actualmente estou convencido de que devoraria as proprias botas, diz um dos generaes.

— As luvas tambem não são más, quando são já muito usadas, replicou o outro suspirando.

— De repente os seus olhares encontraram-se. Havia n'elles um brilho selvagem: os dentes rangiam, um surdo rouco escapou dos seus peitos. Avançaram um para o outro; depois, repentinamente, tornaram-se fulos como animaes ferozes. Principiaram a engulir madeixas de cabellos; ouviram-se gritos, e depois alguns gemidos. De uma dentada o general que tinha sido professor de calligraphia, arrancára ao outro uma condecoração, e engulira-a inteira d'uma vez.

Á vista do sangue que corria, chamou-os enfim á razão.

— Somos christãos exclamaram elles, e iamos devorar-nos!

— Como estamos nós aqui! Que genio mau se diverte assim comnosco?

— Meu amigo será bom á gente distrair-se por meio de qualquer conversação, aliás teremos a lamentar morte de homem.

— Comece.

— Por exemplo, a que causa attribue o meu amigo que o sol comece por se levantar e acabe por declinar, em lugar de ser o contrario?

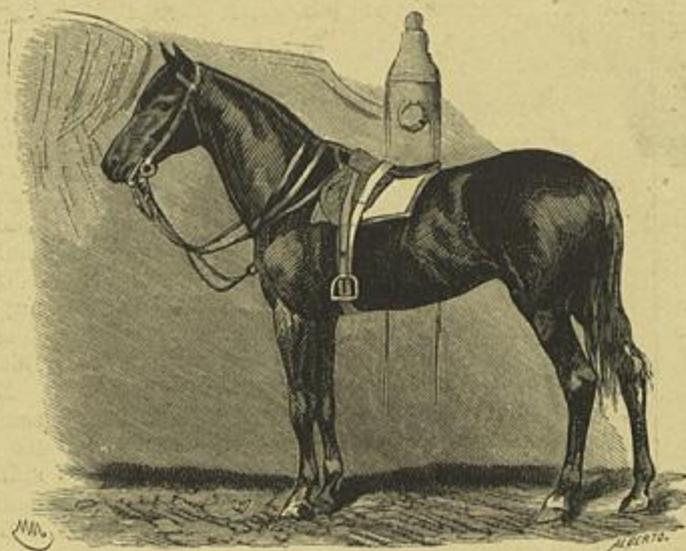
Permitta o amigo que lhe diga que me parece um homem na verdade estranho. O senhor mesmo não procede de outra forma. Começa por levantar-se, depois vae ao ministerio, em seguida faz a sua correspondencia, e logo depois deita-se.

— Mas por que não admitir a ordem seguinte: começo por me deitar, tenho sonhos variados e em seguida levanto-me?

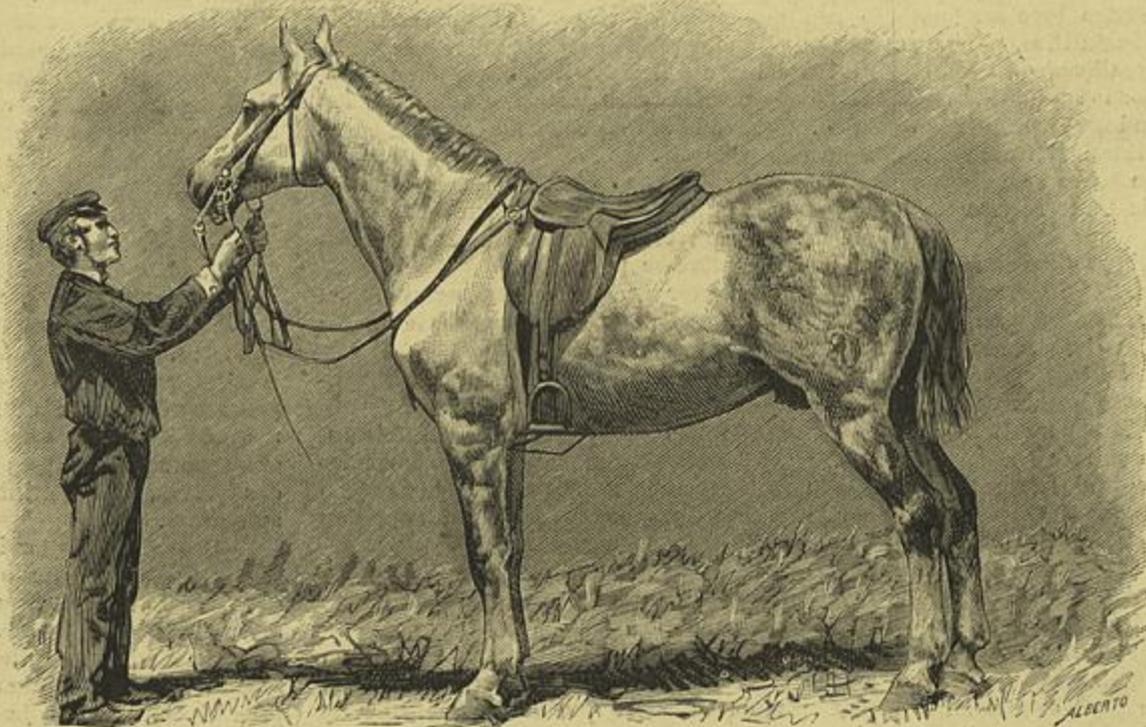
Ein? o que é lá! Na verdade é para reflectir. Para fallar francamente no tempo em

CONCURSO HIPICO DA GOLLEGÁ

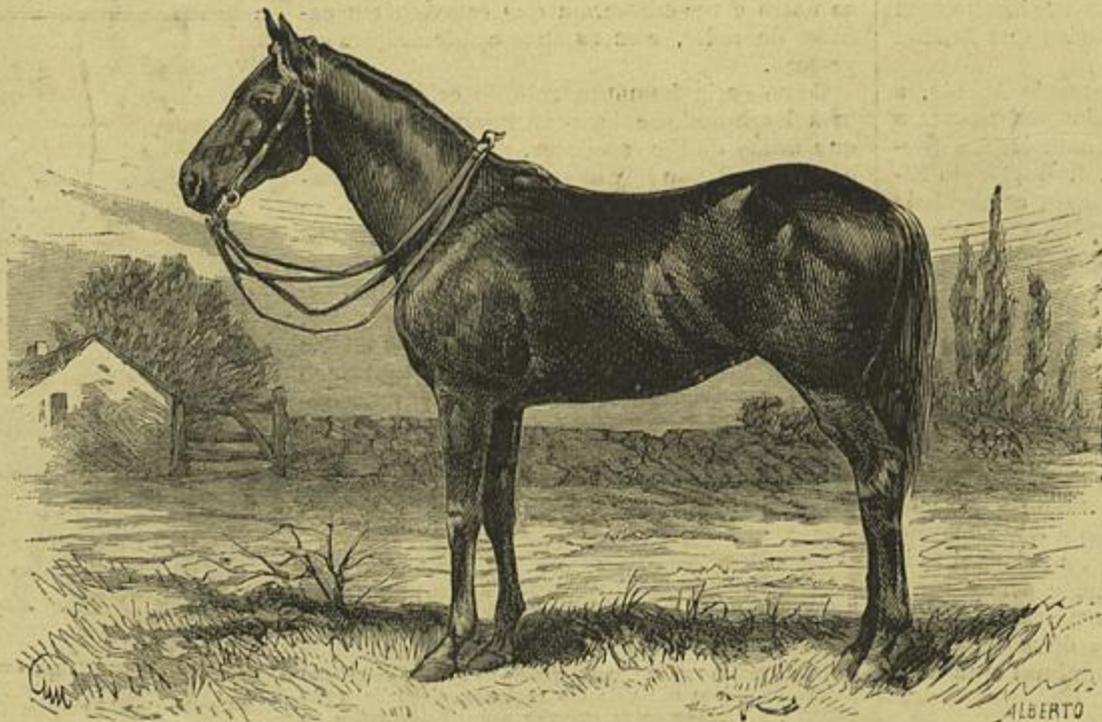
REALISADO EM 13 DE NOVEMBRO DE 1879



CHASSEUR DE AFRIQUE — Puro sangue ingles



VENCEDOR — Luro-arabe



LITTLE BOY — Puro sangue ingles (Segundo photographias do sr. Carlos Relvas)

que eu servia no ministerio, não tinha senão uma maneira de ver as coisas. Eu dizia: agora é manhã, depois será meio dia, mais tarde servem-me a ceia, e em seguida são horas de me ir deitar.

A idéa da ceia mergulhou-os em cuidados e cortou immediatamente a conversa.

Um d'elles reatou assim o colloquio.

— Ouvi uma vez dizer a um medico que o homem póde nutrir-se muito tempo da sua propria seiva.

— Como assim?

— Eu lhe digo: a seiva humana (se assim me posso exprimir) produz outras seivas, estas por sua vez produzem outras e assim successivamente até á consummação... das seivas.

— E depois?

— E depois torna-se necessario comer alguma coisa.

— Ah! isso é que é o diabo!

— Bem depressa, qualquer que fosse o assumpto da conversa, caíam na magna questão do alimento o que não fazia senão excitar-lhes o appetite. Concordaram então em deixar de conversar e lembrando-se da *Gazette de Moscou* que haviam encontrado começaram a lal-a com avidez.

(Continúa)

BIBLIOGRAPHIA

Os APOSTOLOS, continuação do martyr do Go'gotha, de Henrique Peres Escrich — Obra illustrada da «Bibliotheca do Cura da Aldeia.» Consta de tres volumes esta obra que ha pouco recebemos. A leitura d'estes livros d'Escrich, é das menos perniciosas que conhecemos, alliando ao salutar exemplo o mais profundo interesse dramatico e as situações mais tocantes. Explicase por estas qualidades o acolhimento que tem encontrado o auctor entre o publico que entretém os seus ocios com a leitura.

A casa editora, da «Bibliotheca do Cura da Aldeia» é digna dos maiores elogios pela excellente colleção de livros com que tem dotado as nossas livrarias, livros que hão de ter em todos os tempos uma larga clientela.

A obra a que nos referimos é illustrada com excellentes gravuras e custa 600 réis por volume. Os incansaveis editores, os srs. Leitão & Irmão, do Porto, rua do Almada n.º 209, são merecedores do acolhimento que os leitores de Portugal e Brazil tem dispensado á *Bibliotheca do Cura da Aldeia*.

Reservados todos os direitos de propriedade de litteraria e artistica.

Lallemant Frères Typ. Lisboa 6, Rua do Thesouro Velho,